

DIFERENCIAL ESTÉTICO ENTRE COMICS E MANGAS: POR QUE O MANGÁ PARECE MAIS PRÓXIMO DA REALIDADE?

*AESTHETIC DIFFERENTIAL BETWEEN COMICS AND MANGA: WHY DOES MANGA
LOOK CLOSER TO REALITY?*

*DIFERENCIA ESTÉTICA ENTRE COMICS Y MANGÁS: ¿POR QUÉ EL MANGÁ PARECE
MÁS CERCANO A LA REALIDAD?*

Raquel Rizzi Soares Gonçalves¹
Jomar Villanova²

Resumo

Este artigo realiza uma análise comparativa entre as histórias em quadrinhos norte-americanas (comics) e as japonesas (mangás) para verificar por que percebemos os personagens japoneses como mais humanos. Essa questão é importante pois temas sociais que remetem à humanização e à inclusão têm sido sensíveis na sociedade contemporânea, em prol da representatividade social. Para o prosseguimento do trabalho foram utilizados materiais de leitura de especialistas na matéria, tais como Nobu Chinen e obras dos quadrinistas Stan Lee e Eiichiro Oda, que contribuíram com a análise e a comparação estética entre os textos selecionados. Foi possível identificar nos mangás muito mais momentos voltados para interior do personagem, utilizando-se da expressão facial/corporal para refletir os sentimentos abordados e também uma diferenciação muito maior entre os personagens, tanto nos trajes quando em questões étnicas, enquanto nas histórias em quadrinhos norte-americanas os personagens — com exceção do protagonista — causam a impressão de terem “surgido do mesmo molde” e sofrido apenas pequenas alterações, como cor de cabelo e roupas. A análise evidenciou que a característica humana é muito mais explorada nos quadrinhos japoneses, que buscam maior representatividade estética e social em suas obras.

Palavras-chave: quadrinhos; comics; mangás; estética.

Abstract

This article comparatively analyze North-American comic books and Japanese manga to verify why we perceive Japanese characters as more humans. This question is important since social themes referring to humanization and inclusion have been sensitive in contemporary society, in favor of representativeness. The reading material to conduct such research includes specialists as Nobu Chinen, and works by artists as Stan Lee and Eiichiro Oda, which contributed to the analysis and aesthetic comparison between the compiled texts. We identify in the mangas many more moments of characters' introspection, using body/facial expressions to represent the addressed feelings, also to mark a much greater differentiation between the characters, both in costumes and in ethnic issues, while in American comic books the characters — except the protagonist — leave an impression that they are fitting default behavior and appearance, just slightly different from each other in some aspects, such as clothes and hairstyles. The analysis showed that the human characteristic is much more explored in Japanese comics, which seek greater aesthetic and social representativeness in their works.

Keywords: comic books; mangas; aesthetic.

Resumen

Este artículo realiza un análisis comparativo entre las historietas norteamericanas (cómic) y las japonesas (mangas) para verificar por qué percibimos a los personajes japoneses como más humanos. Esta cuestión es importante por cuanto temas sociales relativos a la humanización y a la inclusión son sensibles en la sociedad contemporánea, en favor de la representatividad social. Para la secuencia del trabajo, se usaron materiales de lectura de especialistas en el tema, como Nobu Chinen, y obras de historietistas como Stan Lee y Eiichiro Oda, que contribuyeron para el análisis y comparación estética entre los textos seleccionados. Fue posible identificar, en los mangas, mayor cantidad de momentos dirigidos hacia el interior de los personajes; en ellos se utilizaron

¹ Acadêmico no curso de Bacharel em Artes Visuais no Centro Universitário Internacional Uninter.

² Docente no Centro Universitário Internacional Uninter.

expresiones corporales y faciales para reflejar los sentimientos y también una distinción mayor entre los personajes, tanto en los trajes como en cuestiones étnicas, mientras que en los cómics norteamericanos los personajes — a excepción de los protagonistas — parecen haber “salido del mismo molde” y sufrido solo algunos cambios, como color del pelo y vestimentas. El análisis demostró que la característica humana es mucho más explorada en los tebeos japoneses, que buscan mayor representatividad estética y social en sus obras.

Palabras-clave: tebeos; cómics; mangas; estética.

1 Introdução/conceituação

O que torna um personagem mangá esteticamente mais humanizado do que um de *comics* norte-americanos? Embora sejam derivados da mesma linguagem, ambos são apresentados ao público de formas bem diferentes. O objetivo deste estudo é gerar conhecimento sobre um fenômeno da cultura popular, no caso, comparar as histórias em quadrinhos (HQ) americanas e japonesas, que ocupam um lugar cada vez mais aceito no mundo da arte. Para a realização deste trabalho foram selecionados alguns autores com publicações de renome sobre o assunto.

Uma vez entendida a HQ como arte sequencial, é possível realizar uma análise dos seus componentes. Para isso escolheu-se o livro *Linguagem HQ: conceitos básicos* (2011), de Nobu Chinen quem, posteriormente, publicou — com a mesma metodologia da obra anterior —, *Linguagem mangá: conceitos básicos* (2013), desta vez, com foco nos quadrinhos japoneses.

Para adentrarmos nas HQ japonesas, foi consultada a obra de Eiichiro Oda, *One Piece* (2005), para identificar as tão conhecidas definições do mangá. Centramos a nossa atenção nos personagens, com o protagonista em primeiro plano, para compará-lo com o Homem-Aranha — cujo principal autor-criador é Stan Lee —, em *O espetacular Homem-Aranha: desmascarado* (LEE; BUSCEMA, 2022).

Antes, porém, da comparação ser realizada, fez-se necessário consultar o livro *Como desenhar quadrinhos no estilo Marvel*, publicado em 2014 por Stan Lee e John Buscema, no qual os autores nos contam a “fórmula secreta” para o desenho dos super-heróis da Marvel.

Trata-se de constatar que os mangás possuem maior representatividade e semelhança com a realidade, além de focarem na história emocional das personagens, com personagens que se distinguem uns dos outros e cujo sentimento é constantemente transmitido ao leitor por meio da estética, mostrando que o mangá deixou de ser uma arte apenas japonesa.

2 Objetivos e/ ou problema de pesquisa

O objetivo deste estudo é a realização de uma análise dos quadrinhos da cultura americana e da cultura japonesa — utilizando, como base, *One Piece*, de Eiichiro Oda e

Homem-Aranha, de Stan Lee — a fim de compreender o que torna os personagens de mangás mais humanizados do que os dos comics, partindo da sua estética.

Têm-se como objetivos específicos apontar os elementos característicos das obras americanas e das obras japonesas e a razão do uso de tais elementos nas personagens; contrastar a linguagem dos quadrinhos e dos mangás, a partir das obras citadas anteriormente, com foco principal nos protagonistas destas histórias, no caso *Luffy* e *Homem-Aranha*, respectivamente; e, por fim, comparar as suas características e identificar as suas semelhanças e diferenças gráficas.

3 Metodologia

Para responder a essas questões optou-se por realizar uma revisão bibliográfica com base em autores relevantes, em pesquisas datadas de 1989 a 2022. Entre os autores e livros publicados na área de quadrinhos/arte sequencial para diferenciar o mangá e os comics foram selecionados especificamente *Linguagem mangá: Conceitos básicos* (2013) de Nobu Chinen, dos quadrinhos do *One Piece* (2005) de Eiichiro Oda e *Homem-Aranha* (2014) de Stan Lee, para uma análise mais aprofundada e precisa.

3.1 Quadrinhos norte-americanos: uma análise do personagem Homem-Aranha, de Stan Lee

O Homem-Aranha é um personagem criado por Stan Lee em 1962, na editora norte-americana Marvel Comics, em sua linha de produção que abordava super-heróis mais humanos e com conflitos existenciais — a “Era de Prata”, como qualifica Chinen (2011). Não é raro encontrar nas histórias deste personagem dificuldades para manter a sua identidade secreta e a sua vida pessoal, estudo e carreira.

Homem-Aranha conta a história de um rapaz órfão chamado Peter Parker que, em uma excursão escolar, é picado por uma aranha radioativa, e então adquire poderes sobre-humanos.

Após um assalto, que causa a morte de seu tio Ben, Peter decide usar seus poderes para o bem, e assim surge o super-herói Homem-Aranha.

Apesar de a demonstração da vida social do herói ser uma clara tentativa de mostrar o seu lado humano, a narrativa não se aprofunda tanto em sua vida pessoal. Nas histórias é possível entender onde ele trabalha, com quem namora e quem são seus parentes mais próximos, de forma que não é necessário ler desde a primeira edição para entender do que se trata, quem é o herói e quem é o vilão.

A HQ O espetacular Homem-Aranha: desmascarado reúne histórias publicadas

originalmente em 1963, nas edições 12, 87, 105-106, 169 e 248 de *Amazing Spider-Man* (título original em inglês) e que tratam de situações em que o super-herói é visto sem a máscara que protege a sua identidade secreta.

A vida de Peter Parker e seu convívio com amigos e família é vaga e pouco explorada. Na edição de número 87 vemos o jovem chegando a uma festa com a roupa de super-herói, mas carregando a máscara em sua mão. Estão entre os presentes “Gwen Stacy”, sua namorada, “Harry Osborn”, seu melhor amigo e “Mary Jane Watson”, a namorada deste. Quando o veem, a expressão em seus rostos é pouco modificada. Vemos um leve olhar arregalado em Gwen e Mary Jane, e o amigo Harry tem testa franzida. Não fosse pelo nome do rapaz destacado quando ele chega (fala de Gwen) e as linhas cinéticas próximas a seus rostos — que indicam uma alteração na expressão — quase não seria possível identificar surpresa, espanto ou qualquer outro sentimento naquele momento.

Página do HQ: O espetacular Homem-Aranha: desmascarado



Fonte: <https://i.redd.it/pc86yqzm7lb71.jpg>.

Nesta cena não há movimentação dos lábios das personagens ou do rosto de forma geral, tampouco alteração corporal que indique alguma surpresa, apenas nos quadros seguintes é possível ver uma movimentação dos braços da personagem que, ao se posicionarem próximos ao rosto, tentam reforçar o sentimento de angústia.

Uma cena de grande impacto, momento que dá razão ao título, não oferece grande dramaticidade e também não é abordada por muito tempo — apenas 4 páginas, incluindo uma com um desenho de Peter Parker revelando ser o Homem-Aranha e a última já com cenas de outro acontecimento intercaladas.

Além disso, não fossem as alterações na cor de cabelo e olhos e a mudança na

maquiagem, as diferenças nas personagens femininas são praticamente nulas. Isso ocorre, em parte, por conta da “fórmula” Marvel de fazer quadrinhos, que pode ser lida em Stan Lee e John Buscema (2014), na qual ilustram como os personagens devem ser desenhados.

No capítulo oito — Como desenhar cabeças humanas —, indica-se como devem ser desenhados o olho, o nariz e os lábios femininos:

NÃO tente desenhar os cílios um por um. Não desenhe os olhos longos e estreitos demais NÃO deixe os olhos caírem. NÃO desenhe as sobrancelhas como uma simples curva. NÃO desenhe o nariz arrebitado demais. NÃO desenhe narinas grandes. NÃO desenhe saliências no nariz (é sempre uma linha suave e simples) NÃO deixe a ponta do nariz cair [...] NÃO tente desenhar lábios em curva. Não trace lábios angulosos. [...] NÃO exagere levando o lábio superior muito para a frente ou fazendo-o fino demais. NÃO desenhe o queixo muito frágil. NÃO faça lábios muito grossos. NÃO deixe o lábio inferior se pronunciar demais para a frente. NÃO trace o queixo proeminente demais (LEE; BUSCEMA, 2014, p. 104).

Tal fórmula evita que os personagens possuam características que os definam ou que os tornem facilmente reconhecíveis pelos leitores. Identifica-se a diferença entre Mary Jane e Gwen Stacy pela cor do cabelo, mas se ambas colorissem o cabelo com outra cor ou raspassem a cabeça, seria muito mais difícil identificar cada uma sem que houvesse uma indicação realizada pelo narrador ou por outro personagem.

No caso do protagonista, Peter Parker, qualquer um consegue reconhecê-lo como Homem-Aranha quando veste o uniforme vermelho e azul, mas o personagem em sua vida cotidiana também não possui muitos destaques e pode ser definido como um adolescente branco, de cabelos castanhos curtos, de altura mediana.

Ainda assim, mesmo fazendo-se reconhecível por seu uniforme, o Homem-Aranha segue os padrões estabelecidos por Stan Lee (LEE; BUSCEMA, 2022). No capítulo quatro — *Vamos estudar a figura* —, o autor define as características que um super-herói deve ter e ensina que este não deve ser desenhado da mesma forma que se desenha uma pessoa comum:

Vamos começar com um João-Ninguém, como você ou eu. As pessoas em geral têm a altura correspondente a 6 ½ cabeças. [...] Se vamos desenhar um herói, ele tem que parecer um herói de verdade — ter proporções heroicas. Não é preciso dizer que os ombros são firmes e largos, e os quadris bem estreitos (LEE; BUSCEMA, 2014, p. 42).

As “regras” aplicadas às heroínas, entretanto, são um pouco diferentes:

[...] tem 8 ¾ cabeças de altura, com os quadris bem maiores em relação aos ombros do que seriam os de um homem.

Obviamente, não destacamos os músculos nas mulheres. Mesmo não sendo fraca, a

mulher é desenhada para parecer mais delicada e suave, fazendo contraste com a versão masculina, muscular, angulosa. Também descobrimos que é melhor a cabeça feminina ser ligeiramente menor do que a masculina. Na verdade, a mulher é geralmente toda um pouco menor, menos os seios ((LEE; BUSCEMA, 2014, p. 44).

Neste contexto, Stan Lee nos dá margem para o seguinte questionamento: Quando estão em seu cotidiano, os super-heróis possuem a mesma média de altura dos demais que estão ao seu redor, eles “cresceriam” ao colocar seu uniforme?

Mesmo tratando-se de histórias fictícias de super-heróis, a editora Marvel Comics não costuma deixar, em suas histórias, pontas soltas. Um exemplo disso é que os poderes do Homem-Aranha só foram possíveis porque ele foi picado por uma aranha “geneticamente modificada”, que causou uma mutação em seu corpo, possibilitando a ele realizar alguns feitos comuns às aranhas, como escalar paredes. Ainda assim, não existe uma explicação para a mudança corporal nos super-heróis além de “[...] um super-herói tem que parecer mais impressionante, mais dramático, mais imponente do que um cara comum” ((LEE; BUSCEMA, 2014, p. 46).

A mudança que ocorre no personagem ao “transformar-se em super-herói” é quase antagônica à informação encontrada no livro de Nobu Chinen (2011, cap. 5), citado no capítulo anterior: a era de prata dos super-heróis. Chinen fala do surgimento de “super-heróis com problemas mais humanos e cheios de conflitos existenciais”.

Fica evidente que, mesmo que situações mais humanas tenham sido inseridas nas histórias em quadrinhos americanas — como o conflito com a identidade secreta — estes problemas não recebem um aprofundamento maior. As dúvidas e incertezas dos heróis são apresentadas por dois ou três quadrinhos, mas logo são substituídas pela “história principal” — aparecimento do vilão, uma cena suspeita e outros onde, mais uma vez, os protagonistas são forçados a deixar seus problemas de lado e focar-se em combater o mal. Problemas estes cuja intensidade raramente se percebe, pois, quando Peter Parker está de máscara, sua expressão não se faz evidente.

3.2 Quadrinhos japoneses: o mangá de Eiichiro Oda – *One Piece!*

One Piece é um mangá publicado originalmente em 1997, na revista Shonen Jump — que reúne capítulos de diversos mangás em lançamento. Contém aproximadamente 400 páginas, divididas em 15 a 20 séries.

Revista Shonen Jump, One Piece – julho 1997



Fonte: https://www.reddit.com/r/OnePiece/comments/uamrad/what_else_was_in_the_july_1997_issue_of_shonen/

Diferente dos *comics*, uma história mangá possui uma linha temporal contínua. No caso de *One Piece*, trata-se da história de um menino chamado Monkey D. Luffy, que deseja se tornar um pirata.

Na ilha onde vive, conhece um bando de piratas com quem faz amizade e, em um desses encontros, sem querer, termina comendo uma fruta dotada de poderes, chamada *akuma no mi: gomu gomu no mi* (fruta do diabo: fruta borracha) que faz com que o seu corpo se torne de borracha (que lhe permite esticar os membros, por exemplo, o quanto quiser). Entretanto, a *akuma no mi* possui um efeito colateral, que faz com que quem a come não possa mais nadar.

Depois de um incidente que faz com que o líder dos piratas (que ele admira muito), Shanks, perca o seu braço salvando o garoto, este se compromete a aprender a usar seus poderes para que nunca mais algo do gênero aconteça — e, claro, para tornar-se um grande pirata.

Anos depois, desejando encontrar o famoso tesouro do rei dos piratas, o *One Piece* Luffy parte em uma jornada para formar a sua tripulação.

Com características praticamente opostas a Peter Parker, Luffy é um jovem muito magro, sem identidade secreta. Ele usa um colete vermelho, bermudas *jeans* e chinelo, além do chapéu de palha que o amigo Shanks lhe deu no dia em que salvou a sua vida. Ele tem olhos esbugalhados, com uma cicatriz auto-infligida debaixo de um deles e, mais para frente, outra na barriga em formato de X.

Luffy não é do tipo, ao menos segundo as regras de Stan Lee (LEE; BUSCEMA, 2014), que se pareça com um super-herói; na verdade, essa não é uma realidade que ele deseje alcançar.

A primeira característica que diferencia Luffy dos heróis americanos é que ele já começa com a ambição de ser um pirata. Mesmo que piratas sejam considerados “fora da lei”, *One Piece* se enquadra na categoria *shonen*. Existem diversas categorias que caracterizam o gênero de um mangá; os quatro mais populares são *Shonen*, *Seinen*, *Shojo* e *Josei*.

De forma direta, Chinen (2013, p. 24-30) define estas categorias como *Shonen*: “dirigidos a meninos do ensino fundamental até o fim da adolescência”; *Seinen*: “voltada a um público mais maduro, tem cenas mais violentas e carregadas de erotismo, ainda que não explícito”; *Shojo*: “voltado às adolescentes do sexo feminino e tem histórias românticas e personagens femininas bonitas e elegantes” e *Josei*: “voltado a jovens profissionais de 20 a 30 anos e suas tramas mais realistas”.

O *shonen*, por dirigir-se a um público jovem, costuma apresentar protagonistas que não sejam heróis, não têm mau caráter. *One Piece* é considerado atualmente o mangá/anime de maior sucesso no Japão.

Os personagens não têm um rosto detalhado ou traços que os deixem mais realistas, mas cada um possui características que o distinguem dos outros. Exemplo disso é que, enquanto Luffy é magro e tem um “ar de desengonçado/despreocupado”, Roronoa Zoro, seu imediato, tem uma postura bem mais ereta. Zoro é um espadachim de cabelos verdes e músculos definidos, além de ser mais alto que Luffy. O terceiro rapaz do grupo, Usopp, em contrapartida, é magro como Luffy, tem a pele parda e cabelos negros encaracolados, além de um nariz longo e protuberante — que poderia ser uma referência ao personagem dos contos de fadas “Pinóquio”, visto que Usopp é conhecido por ser um grande mentiroso.

A priori, a diferença estética apresentada nestes membros da tripulação marca as características e individualidades de cada um, mesmo que os traços utilizados no desenho não os tornem “esteticamente perfeitos”. Pelo contrário, *One Piece* também é um mangá conhecido pela aparência muitas vezes cômica de seus personagens — sejam eles protagonistas ou secundários.

Embora a maioria das personagens femininas tenha como padrão a cintura exageradamente fina — de uma forma anatomicamente impossível — e os seios fartos, uma das primeiras personagens femininas apresentada ao leitor e também a primeira vilã que Luffy enfrenta em sua jornada, Alvida “Clava de ferro” é uma mulher exageradamente gorda, com tornozelos finos demais para seu tamanho e um rosto grande que, mesmo maquiado, não ganha a admiração de seus subordinados.

A aparência cômica dos personagens também é refletida em seu emocional. Logo nas primeiras páginas do mangá, depois de que Luffy, na época ainda criança, cortasse parte de seu

rosto para comprovar coragem, os personagens que aparecem no quadro seguinte, assustados, estão com os olhos esbugalhados e bocas exageradamente abertas, ou fazem caretas estranhas. O ilustrador acrescenta ainda linhas cinéticas como plano de fundo do quadro, indicando um movimento corporal exagerado.

O padrão repete-se ao longo do mangá em cenas de alegria — nas quais Luffy geralmente é representado com os braços abertos para o alto e um sorriso de orelha a orelha — momentos de tensão, medo e outros.

As metáforas visuais são populares em grande parte dos mangás, conforme Chinen explica:

Os mangás têm uma maneira muito curiosa de ressaltar expressões de espanto, tristeza e contrariedade. Os personagens, mesmo sendo ilustrados em histórias dramáticas e de forma realista, são desenhados em traços caricaturais e deformados (CHINEN, 2013, p. 45).

Embora também existam metáforas visuais nos quadrinhos ocidentais, nos mangás vemos isso de forma exagerada, de forma que o sentimento do personagem fique em foco, o que cria uma profundidade maior em suas personalidades. Segundo Chinen (2013, p. 54), “nas narrativas e na cultura japonesa, a emoção tem um papel fundamental e os olhos são a forma mais importante de determinar o estado emocional de um personagem”, o que responde ao questionamento popular sobre o motivo dos olhos exageradamente grandes em muitos personagens.

Muito mais do que o “grande conflito de herói e vilão”, as histórias dos mangás focam muito na jornada do herói e não apenas em seu crescimento físico, mas também no emocional. Um personagem nunca será o mesmo que era no início da história quando esta se encerra. Algumas destas mudanças são, inclusive, externalizadas, em sua aparência e roupas. Luffy começa sua história como criança e quase dez anos passam quando ele finalmente parte em sua jornada.

Um quadrinho totalmente vazio, que pode causar estranheza para o leitor ocidental, é um recurso usado nos mangás e funciona como um intervalo, uma pausa propositalmente feita para a reflexão. Esses recursos priorizam o caráter visual dos mangás e tornam a leitura mais fluída, dinâmica e veloz (CHINEN, 2013, p. 35).

O quadrinho nipônico utiliza-se muito mais de recursos de enquadramento cinematográfico do que as histórias americanas. Com pensamento não totalmente altruísta, foco na individualidade dos personagens e em seus sentimentos, surgem personagens com aspectos mais próximos aos de pessoas reais.

4 Considerações finais

No decorrer dessa pesquisa — que teve por questão-chave "o que torna uma personagem de mangá mais humanizada do que uma personagem de quadrinhos" — foi possível perceber que, embora tivessem surgido com foco em problemas mais “humanos”, os super-heróis e demais personagens das HQs norte-americanas não expunham seus sentimentos e emoções ao leitor e os seus personagens pareciam quase “carimbados” nas páginas, pois muitas vezes a única coisa que mudava entre um personagem e outro eram cores de cabelo e roupas.

Já os personagens dos mangás possuíam uma estética bem mais próxima à de humanos reais, com sentimentos mais em foco e com grandes diferenças entre seus personagens, como nos exemplos citados, em que Luffy é um rapaz branco, magro, de cabelos negros lisos curtos, que usa colete vermelho e bermudas jeans e Usopp, um rapaz moreno, de cabelos longos encaracolados e um nariz protuberante, que usa um macacão simples.

Dessa forma, a conclusão a que se pôde chegar é de que os mangás refletem muito mais as pessoas, esteticamente falando, como são realmente, com mais diferenças e com problemas mais reais, do que os comics, que focam em personagens “com aparências heroicas”.

Referências

CHINEN, N. **Linguagem HQ**: conceitos básicos. 1. ed. São Paulo: Editora Criativo, 2011.

CHINEN, N. **Linguagem mangá**: conceitos básicos. 1. ed. São Paulo: Editora Criativo, 2013.

LEE, S.; BUSCEMA, J. **Como desenhar quadrinhos no estilo Marvel**. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

LEE, S.; BUSCEMA, J. **O espetacular homem aranha**: desmascarado. 1. ed. Barueri: Panini Comics, 2022.

ODA, E. **One Piece**. 1. ed. Barueri: Panini Comics — Planet Manga, 2005. v. 1.